



DE PESSOAS COMUNS A PEDRAS PRECIOSAS: UM ESTUDO SOBRE MEMORIAIS DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA/UFRGS

A Pesquisa...

Foram analisados, como corpus documental, quinze memoriais produzidos por estudantes do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRGS, entre 2010 e 2014. Este estudo faz parte das ações desenvolvidas no grupo de pesquisa cadastrado no CNPQ Educação no Brasil: Memória, Instituições e Cultura Escolar (EBRAMIC). A pesquisa se insere no campo da História da Educação em sua interface com a História da Cultura Escrita. Importa dizer que essas "escrituras de la margen" (GOMEZ, 2003, p. 01) passam a ser percebidas como documentos que possibilitam olhar para muitas questões que até poucas décadas atrás não eram consideradas pela historiografia. Elegemos trabalhar com as produções de discentes com mais de 40 anos. Optamos por este critério geracional, considerando as peculiaridades dos itinerários dessas pessoas até ingressarem na Faculdade de Educação.

OBJETIVO

Tematizar escritos de pessoas comuns, que contavam um pouco de seus percursos por meio da construção de um texto em certa medida autobiográfico.

METODOLOGIA

O estudo fundamentou-se na metodologia da análise documental histórica. Analisaram-se quinze autobiografias. Buscou-se conhecer quem eram os escreventes e porque escolheram o Curso de Pedagogia.

“Escrever o Memorial de maneira que não ficasse tão enfadonho, mas que tivesse uma certa ordem cronológica e um conteúdo que contasse a sua história, não foi tarefa fácil”.

(AMETISTA, 2013, p. 05).

CONSIDERAÇÕES

Percebe-se que cada um deles, ao permitir-se rever suas experiências pessoais, esteve subjetivado por essa espécie de ficcionalização do passado que construiu no exercício de rememoração. Assumir o desafio de escrever seus itinerários de vida está para além do complexo. É estranho narrar-se, pois não há um sujeito único e coerente que se sustente por toda a vida. Nessas narrativas, a experiência está sempre presente na memória, que se apresenta como uma tentativa de explicar o que cada um pensa ter sido, o que pensa ter sentido. Podemos dizer que esses são escritos de sujeitos maduros que ousaram fazer uma guinada em seus percursos, elegendo a Universidade como locus de construção de novas identidades. Fragmentos de suas memórias constituem-se agora em documentos para a História da Educação que permitem novas miradas com vistas à produção de outras investigações.

Ariane Simão de Souza

Licenciatura em Pedagogia/UFRGS

Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNPQ-UFRGS

Pesquisa vinculada ao projeto memórias e histórias da FACED.

Orientadora: Dra. Dóris Bittencourt Almeida

A produção de um Memorial: uma escrita de si

Analisar esse "arrumar-se" é "interrogar o que parece ter deixado para sempre de nos espantar. Nós vivemos, decerto, respiramos, decerto; andamos, abrimos portas, descemos escadas, nos sentamos à mesa para comer, nos deitamos na cama para dormir. Como? Onde? Por quê?" Refletir sobre esse "arrumar-se" é em suma falar de uma coisa comum, perseguir esse extraordinário, desentocá-lo, dar-lhe sentido e talvez entender um pouco melhor quem somos nós. (ARTIÈRES, 1998, p.10)



Rubi - Madrepérola - Quartzo - Ônix - Jade - Topázio - Safira - Âmbar - Ametista - Cristal - Ágata - Coral - Diamante - Esmeralda - Turquesa.

Reflexão sobre sua história de escolarização - temas abordados: Infância e juventude, escola, afetos familiares, trabalho e Ingresso na UFRGS

“julgava minha trajetória comum e desinteressante”.

(CRISTAL, 2012, p. 08).

Referências

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.11, nº 21, 1998.

BASTOS, Maria Helena Camara. Memoriais de professoras: reflexões sobre uma proposta. In: MIGNOT, Ana Chrystina; CUNHA, Maria Teresa (orgs.). Práticas de memória docente. São Paulo: Cortez, 2003.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CUNHA, Maria Teresa. S. Diários Íntimos de Professoras: letras que duram. In: CUNHA, Maria Teresa. S.; MIGNOT, Ana Chrystina V.; BASTOS, Maria Helena C. (orgs.). Refúgios do Eu: educação, história e autobiografia. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 159-180.

_____. Do Baú ao Arquivo: escritas de si, escritas de outro. Revista Eletrônica da CEDAP, 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8> Acesso em: 07 junho de 2015.

IZQUIERDO, Iván. Memória. Porto Alegre: Artemed, 2002.

GOMEZ, Antonio Castillo. Das mãos ao arquivo. A propósito das escritas das pessoas comuns. – Percursos, Florianópolis, v.4, n.1, julho 2003.

MEDA, Juri. Escrituras escolares: contribución a la definición de una categoría historiográfica a partir de la producción científica italiana em la última década. In: MIGNOT, SAMPAIO, PASSEGGI (orgs.) Infância, aprendizagem e exercício de escrita. Curitiba: CRV, 2014, p. 27-42.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Tereza Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. In: Revista Educação em Qualidade. Nº 11, V. 25. Jan./abr. 2006, p.40-61.